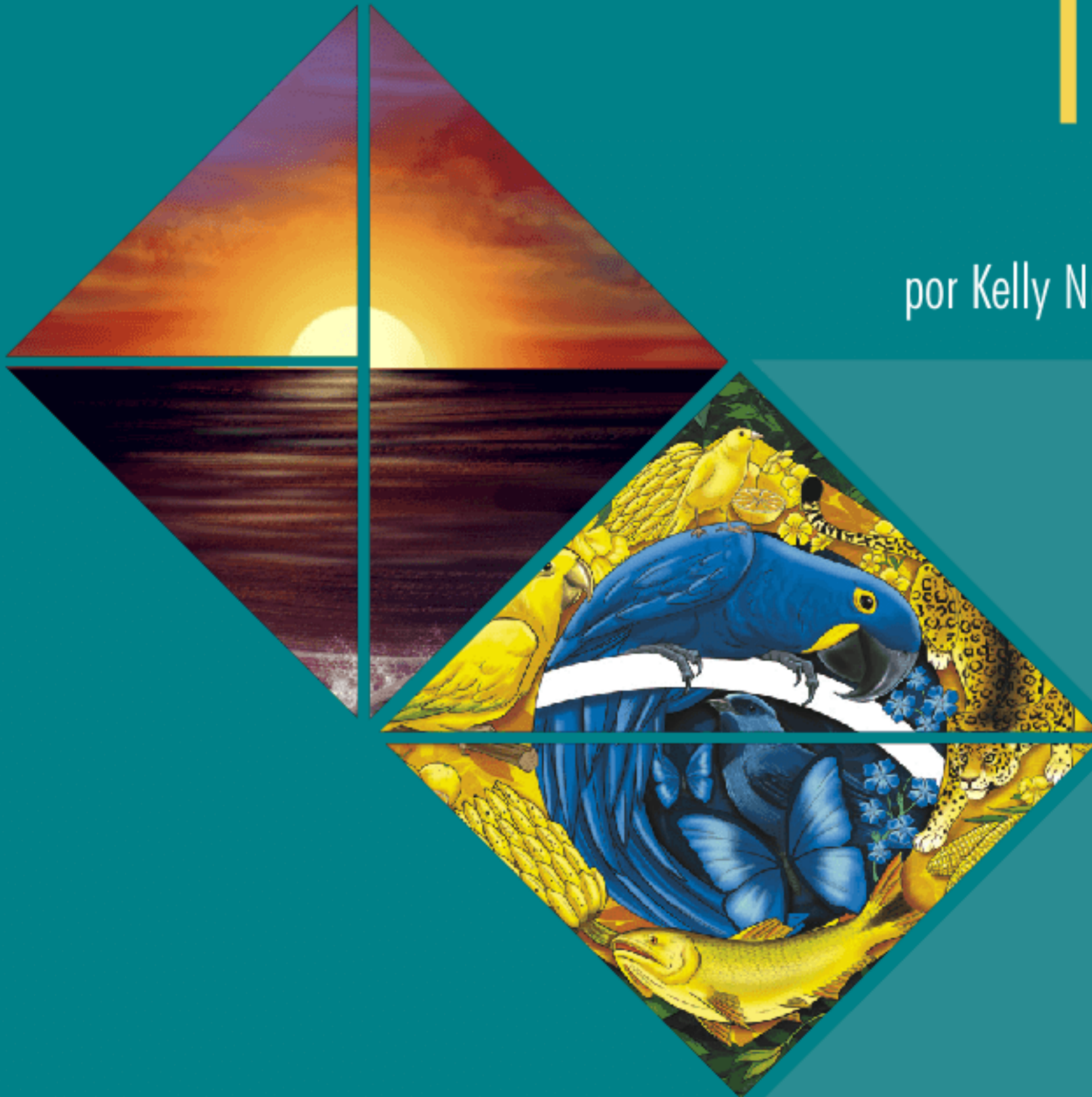


Iracema

de José de Alencar

por Kelly Naiara da Silva Rosário



AOL

Análise de Obras Literárias

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

EXPEDIENTE



Diretor Geral:
Roger Trimer.

Gerente editorial:
João Carlos Puglisi.

Coordenadora de projeto editorial:
Marília L. dos Santos G. Ribeiro.

Assistente de coordenação de projetos editoriais:
Yara C. de Oliveira.

Coordenadora de produção editorial:
Livia Scherrer dos Santos.

Colaboradora externa:
Thalita Diniz.

Editora de texto:
Juliana Verri Ribeiro.

Coordenadora de revisão:
Mariana Castelo Queiroz.

Revisoras:
Giselle Lourenço, Kemi Tanisho e Vivian Prado de Souza.

Editores de arte:
Kleber S. Portela e Wellington Paulo.

Diagramador:
Alexandre Moreira Lemes.

Ilustrador:
Rafael Coelho Vilarino.

Coordenadora de licenciamento:
Kelly Garcia.

Analistas de licenciamento:
Letícia Aparecida Tashiro, Margarita Veloso e Souza e Nathalie Furtado Dias Pimentel.

Analista de produção editorial:
Claudia Moreno Fernandes.

Coordenador de PCP:
Anderson Flávio Correia.

Analista de PCP:
Vandré Luis Soares.

Projeto gráfico e capa:
Kleber S. Portela.

Iracema

de José de Alencar



AOL

Análise de Obras Literárias

Iracema

de José de Alencar

Tal é o livro de Senhor José de Alencar, fruto do estudo e da meditação, escrito com sentimento e consciência... Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança do futuro... Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á Obra-Prima.

ASSIS, Machado de. "Iracema". In: ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.



INTRODUÇÃO ▼

A obra *Iracema* foi escrita por José de Alencar, em 1865, e é parte de seu projeto literário de construir “um retrato do homem brasileiro”; nesse afã, por toda sua vida, o autor desenvolveu romances históricos, urbanos, regionalistas e os consagrados indianistas. Embora não se soubesse ainda que ícone representaria em essência esse modelo perseguido, a experimentação de Alencar já apontava para a pluralidade que, em tempos modernistas, se confirmaria. O Brasil é uma terra plural.

Em *Iracema* (anagrama de América), temos o encontro do homem branco, colonizador, invasivo e estranho à natureza com a intocada, inexplorada e pura indígena brasileira; dessa união nascerá – não sem os ditames traumáticos que essa fusão encerra – o primeiro cearense. A obra abrange o português Martim, cujo nome evoca Marte – o deus da guerra –, que por onde passa leva destruição. Iracema é a virgem dos lábios de mel, em comunhão perfeita com a natureza. O filho desta união será “Moacir”, filho da dor. Tem-se também Ceará, a ave que, sendo confidente de Iracema, acompanhará toda a trajetória desse encontro.

Segundo o próprio Alencar,

[...] o livro é cearense. Foi imaginado na limpidez desse céu de cristalino azul. [...] Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os murmúrios do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros.

“Prólogo da primeira edição”.

É no embalo de uma lírica sensível e bem trabalhada que a “lenda do Ceará” será contada. São trinta e três capítulos de uma prosa poética cheia de ritmo, de musicalidade. A “virgem dos lábios de mel” se tornará, para sempre, uma das referências femininas mais fortes da nossa literatura. Embora carregada dos artifícios românticos de sua concepção, *Iracema* integrará o imaginário brasileiro, não apenas como um lamento, mas como símbolo de sua miscigenação.

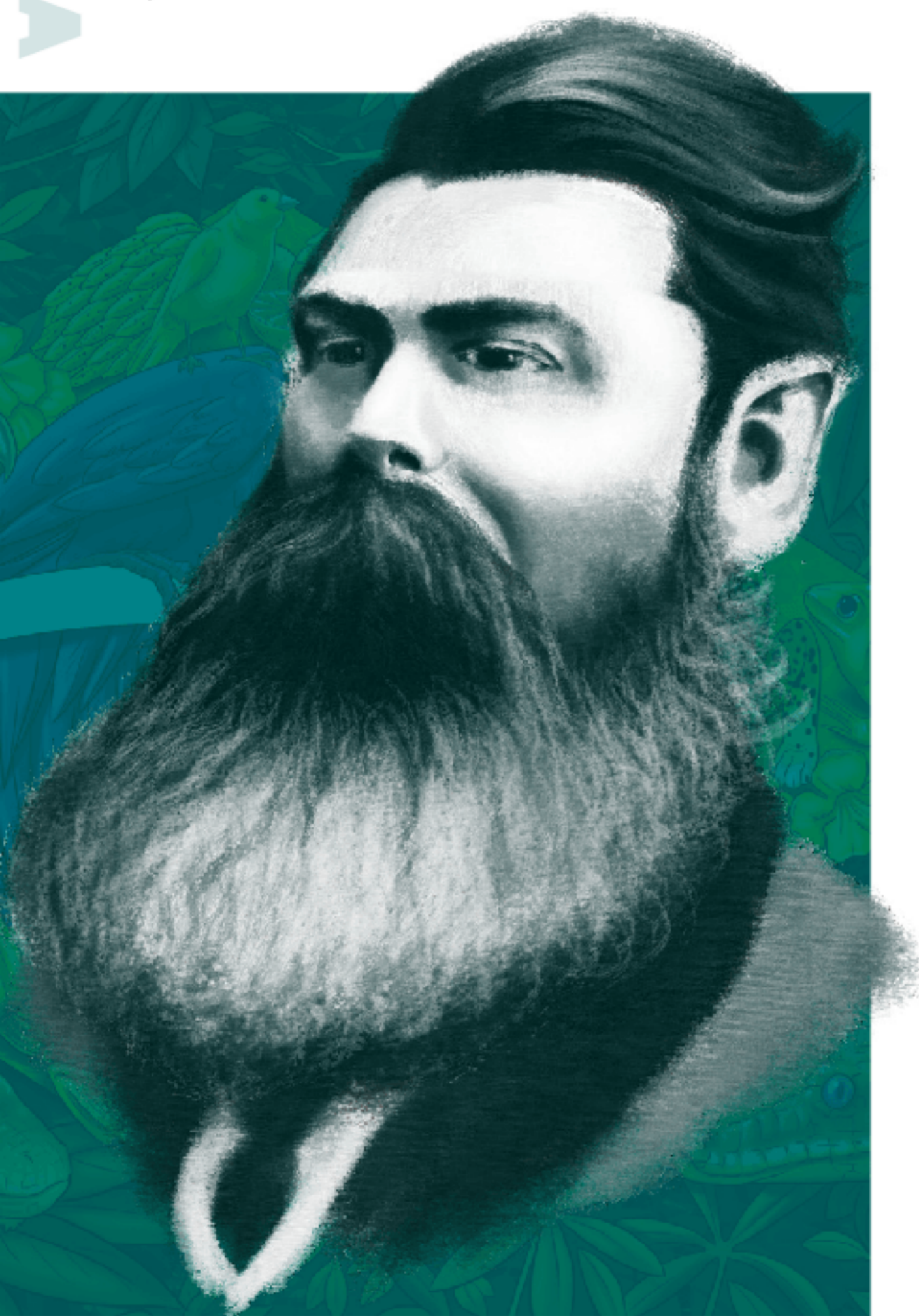
JOSÉ DE
ALENCAR



SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor

José Martiniano de Alencar nasceu em Messejana, Ceará, em 1829 – sete anos após a proclamação da independência. Seu pai – que abandonou a batina por causa da prima, mãe de Alencar – foi senador e governador do Ceará; as idas e vindas de uma família de vida política ativa renderam viagens pelo interior do Brasil, que marcariam para sempre o repertório do jovem escritor.



ALÊNCAR JOSÉ

Morando no Rio de Janeiro, aos 15 anos foi para São Paulo preparar-se para o curso de Direito que, mais tarde, frequentaria na renomada Faculdade do Largo de São Francisco. Foi nessa época, morando em repúblicas estudantis, que conviveu (mas não comungou) com o estilo de vida romântico, regado à noite, à farra e à bebida, típico de alguns contemporâneos, como Álvares de Azevedo. Reza a lenda que, aos dezoito anos, escreveu seu primeiro romance: *Os contrabandistas*; o manuscrito, entretanto, teria sido destruído por um colega de república.

Firme em seus propósitos, o jovem Alencar prosseguiu publicando artigos e ensaios em jornais e revistas, inclusive como membro-fundador. Em 1847, Alencar voltou ao Ceará para cuidar do pai doente, e esse reencontro com sua terra significou sua relação com o homem e a paisagem do interior, traço marcante em sua produção literária. Em 1848, transferiu-se para Olinda, onde concluiu seus estudos.

Aos 25 anos, apaixonou-se por Chiquinha Nogueira da Gama, mas viveu a trágica experiência romântica de não ser correspondido; a moça desejava um homem muito rico, à sua altura. Alencar só se recuperou da rejeição dez anos depois, ao casar-se com Georgina Cochrane, filha de um rico inglês.

Formado em Direito, José de Alencar dividiu-se entre o “ganha-pão” do advogar e o prazer de escrever. Como ele mesmo ressaltou:

Não consta que alguém já vivesse nesta abençoada terra, do produto de obras literárias. [...]

Quando as letras forem entre nós uma profissão, talentos que hoje apenas aí buscam passatempo ao espírito, convergirão para tão nobre esfera suas poderosas faculdades.

É nesse tempo que hão de aparecer os verdadeiros intuítos literários; e não hoje em dia, quando o espírito, reclamado pelas preocupações da vida positiva, mal pode, em horas minguadas, babujar na literatura.

ALÊNCAR, José de. “Benção paterna”. *Sonhos d’ouro*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. pp. 5-6. v. 1.

Escreveu romances, crônicas, ensaios e teatro. Sua atividade no jornalismo lhe rendeu, ainda, muitos escritos políticos, através dos quais travou, por toda vida, sua briga com D. Pedro II. Sua vasta produção literária confunde-se com a essência do próprio Romantismo.

Seguindo os passos do pai, ingressou na vida política; foi deputado e ministro, mas desistiu da carreira política quando viu sua candidatura a senador ser vetada pelo próprio D. Pedro II. Para manter a rixa, comprou seu próprio jornal. Sob pseudônimos, Alencar seguiu escrevendo muito e travando polêmicas com outras personalidades e autores românticos, como Gonçalves de Magalhães (o favorito do imperador), Antônio Feliciano de Castilho e Franklin Távora.

Tão forte quanto as paixões que o motivavam – a política e a literatura – era a doença que o corroía: a tuberculose. José de Alencar chegou a se tratar em São Paulo, a procurar os mais amplos recursos na Europa, mas, em 1877, depois de mais de vinte arrastados anos de luta, a moléstia venceu, levando-o a seu falecimento na cidade do Rio de Janeiro.

O autor e seu período



O nome de José de Alencar figura entre os maiores da literatura, não só pela quantidade do que escreveu, mas pela maestria com que conseguiu efetivar o projeto de “abrasileiramento” das letras, pretendido por seus contemporâneos.

Desde o descobrimento, a relação entre colonizadores e nativos foi conflituosa. Os europeus, sob a lógica da propriedade, da dominação e do povoamento, sobrepuseram-se aos nativos reduzindo-os ao estigma de não cristãos, não cultos, não civilizados e, portanto, não portadores de direitos. O documento oficial que dá início às letras no Brasil – a carta de Pero Vaz de Caminha – foi escrito por um português, para um português,

retratando interesses portugueses, na língua do colonizador.

Por mais de três séculos, toda a produção cultural no Brasil reproduziu os modelos europeus. Nossos artistas estudavam na Europa e, em sua maioria, tinham o velho continente como referência temática, espacial, estilística e teórica.

A vinda da família real para o Brasil, em 1808, não só instaurou no Rio de Janeiro um processo de urbanização irreversível como gerou a necessidade de uma produção artístico-cultural local. Criou-se a primeira universidade brasileira e fortaleceu-se a crítica; as

referências, entretanto, ainda eram europeias. O ensejo da nacionalização (também efusivo na Europa) ainda não se configurava de forma independente, pelo contrário, reproduzia artificialmente os antigos modelos.

Era mais importante afirmarem-se como “brasileiros” e autônomos possuidores de uma nacionalidade própria; o que coincidia com os acontecimentos na Europa, onde cada nação procurava afirmar-se nas suas particularidades e ressaltar o que tinha de culturalmente característico.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002.

A Independência do Brasil havia sido declarada, mas era necessário que fosse paulatinamente consolidada. O cenário de luta pelo trono era conturbado. Os vínculos político-econômicos precisavam de uma cultura nacional que os legitimasse. Para configurar esse novo conceito de nação e tecer-lhe um passado grandioso, elevado o suficiente para transpor ou equiparar-se à metrópole, a estética romântica se aproximava da natureza e, como sua parte integrante, do indígena.

No Romantismo, a natureza não é apenas espaço, pano de fundo e cenário onde as ações ocorrem; ela harmoniza com o sentimento do personagem; é sua confidente, partícipe de seus estados de alma. O indígena figura-se como herói, legítimo representante da raça brasileira, encarnação perfeita da “teoria do bom selvagem”, concebida pelo filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, que apregoava a pureza do homem natural, não contaminado pela vida civilizada. A literatura romântica na qual se insere José de Alencar buscou firmar esse projeto: que se distanciasse dos modelos eurocêntricos e delineasse elementos verdadeiramente nacionais.



A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Romances

Indianistas:

- *O guarani* (1857)
- *Iracema* (1865)
- *Ubirajara* (1874)

Urbanos:

- *Cinco minutos* (1857)
- *A viuvinha* (1857)
- *Lucíola* (1862)
- *Diva* (1864)
- *A pata da gazela* (1870)
- *Sonhos d'ouro* (1872)
- *Senhora* (1875)

Regionalistas:

- *O gaúcho* (1870)
- *O tronco do Ipê* (1871)

- *Til* (1872)
- *O sertanejo* (1875)

Históricos:

- *As Minas de Prata* (1865)
- *Guerra dos mascates* (1873)
- *Alfarrábios* (1873)

Teatro

- *Verso e reverso* (1857)
- *O crédito* (1857)
- *O Demônio Familiar* (1857)
- *As asas de um anjo* (1858)
- *Mãe* (1860)
- *A expiação* (1867)
- *O jesuíta* (1875)

Crônica

- *Ao correr da pena* (1874)

Aspectos gerais da produção literária do autor

Há, na obra de José de Alencar, uma busca latente pela mais pura expressão da brasilidade. Sua preocupação em retratar sua gente e sua terra foi tão grande que, para além do enredo, seus livros estão cheios de mitos, lendas, costumes, tradições, festas religiosas etc.; fruto de um árduo trabalho de pesquisa e das observações travadas em suas viagens pelo interior do país.

Nessas obras, principalmente nas urbanas, figuram mulheres que desafiavam os preceitos da época e se entregavam à experimentação de prazeres contrários à moral burguesa; foi assim com Lucíola, Mila (*Diva*) e Carlota (*Cinco minutos*). Além disso, o dinheiro aparece sempre como elemento degradante, capaz de corromper e macular, como em *Senhora*. Eis, com essas obras, o retrato da vida na Corte carioca do século XIX. Em

todos os seus romances, porém, a redenção se dá pela força do bem, da verdade e do amor.

Suas obras históricas revelam, sob certo aspecto, a tendência passadista, evasiva de alguns românticos, em se refugiar no passado para projetar-se. Recuperando as aventuras gloriosas de figuras políticas renomadas, o autor firmava seu projeto de configurar uma nação grandiosa, o que acontece em *Minas de Prata*, *Os alfarrábios* e *Guerra dos mascates*. Nessa época, a Europa buscava seus heróis na Idade Média e, embora o índio fosse

Glossário

- **Macular:** comprometer, manchar.

nosso elemento *in natura* mais forte, nossa tão nova nação já forjava seus heróis. Além do que, tais romances auxiliavam Alencar em seu projeto individual de traçar um panorama literário de “Norte a Sul do Brasil”.

Nos romances alencarianos regionais, os heróis são sempre cercados de cortesia e honradez; nossa sociedade rural é representada em suas paisagens, modo de falar, vestir e procedimentos que distam da vida na Corte. Justificando o panorama literário proposto por Alencar e mencionado anteriormente, temos *O gaúcho*, representando as pampas; *Til*, o interior paulista; *O tronco do ipê*, a cultura fluminense; e o Nordeste de *O sertanejo*.

Em *Ubirajara*, temos um recorte brasileiro do período pré-colombiano, em que indígenas são retratados em seus costumes e valores, sem qualquer contato com o homem branco. Em *Iracema*, obra que integra a trilogia indianista do autor, temos o encontro nativo-colonizador, em que ambos, estranhos um ao outro, aprenderão a se conhecer. Em *O guarani*, temos o índio já em pleno convívio com o homem branco. Todos realçados em sua “cor local”, mas maquiados com os valores apregoados pela civilização cristã. O índio, tal qual retratado por Alencar, é submisso, pacífico, feudal.

Pensando nas intenções da escrita de *Iracema*, vejamos o que diz Cid Ottoni Bylaardt, doutor em estudos literários.

Apesar da intenção de valorizar a cultura indígena, fica evidente que o autor adota uma postura etnocêntrica em favor do conquistador, e a ótica estruturadora do romance é claramente a do civilizado e do cristão. Eis aí o que chamamos de paradoxo entre a intenção e a realização. O mito da harmonia das raças só funciona na intenção, e o resultado é a dominação econômica e cultural da terra pelo colonizador branco, tendo o indígena como aliado, após a eliminação dos que resistiram. Essa dominação, emoldurada por um discurso lírico, consuma-se no amor entre Martim e Iracema, símbolo da terra que se recusa ao próprio índio. Teria sido possível a Alencar perceber lucidamente sua postura em meados do século XIX? Possivelmente não. O próprio Machado de Assis, dotado de extremo espírito crítico, não se permitiu extrair dessa narrativa uma história de dominação, ou a alegoria do nascimento de uma raça. Em crítica datada de 1866, o autor de Dom Casmurro exalta a história do amor entre Martim e Iracema, a nobreza dos sentimentos indígenas, bem como a do elemento branco, cada qual em sua cultura, como no caso da amizade entre Poti e Martim: “a afeição de Poti tem a expressão ingênua, franca, decidida; Martim não sabe ter aquela simplicidade selvagem” (ASSIS, 1961, p. 82). Nem uma palavra sobre dominação, nada sobre aculturação nem sobre extermínio. Mesmo criticando a superabundância de imagens, Machado ainda assim a justifica como elemento próprio à “poesia americana”, a que hoje conhecemos como indianista.

BYLAARDT, Cid Ottoni. “Intenção e recepção em *Iracema*, de José de Alencar”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 225, 1º semestre 2007.

Aspectos gerais sobre a obra analisada



Iracema é, segundo o próprio subtítulo, uma “lenda do Ceará”. Lenda, por sua vez, seria a tradição oral ou narrativa escrita de atos praticados por santos ou heróis, conforme a fantasia popular. A heroína, no caso, é homônima; talhada com as virtudes físicas e morais, Iracema representa a entrega e a resignação americana; será a “mãe gentil” que entregará ao colonizador o filho de seu ventre, fruto de seu sofrimento e dor.

Desde então os guerreiros pitiguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

Alencar valeu-se também da rivalidade entre duas tribos para compor seu romance: os pitiguaras habitavam o litoral cearense e eram amigos dos portugueses; os tabajaras aliavam-se aos franceses e habitavam o interior. Martim Soares Moreno e o índio Poti, que depois viria a adotar o nome cristão de Antônio Felipe Camarão, eram personagens reais no contexto recriado pela prosa alencariana.

A obra é uma prosa poética, que explora os valores conotativos, as figuras de estilo, a musicalidade e a cadência própria do texto escrito em verso. Na maioria dos gêneros textuais, a prosa se presta à denotação. É nisso que a poesia interfere: insere a elevada intenção estética do poeta na construção de um parágrafo que mais parece resultado da arte de versejar.

Estrutura

Iracema contém trinta e três capítulos, com a média de três a cinco páginas cada um, identificados apenas por algarismos romanos. Mas, além do texto em si, temos os textos adicionais que acompanham o romance: o “Prólogo da primeira edição”, o “Argumento histórico”, a “Carta ao Dr. Jaguaribe”, publicada como posfácio à primeira edição, o “Pós-escrito à segunda edição” e as 116 notas distribuídas ao longo dos capítulos.

Linguagem



Foi a linguagem lusitana e grandiloquente de Gonçalves de Magalhães que afastou José de Alencar dos demais autores românticos. Em crítica assinada sob pseudônimo Ig, Alencar minimizou o valor da obra *Confederação dos Tamoios*, reconhecendo no índio um viés legítimo de brasilidade, mas destacando que a obra não conseguira traduzi-lo com originalidade.

Sobretudo compreendam os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, nesse período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo. Palavra que inventa a multidão, inovação que adota o uso, caprichos que surgem no espírito do idiota inspirado: tudo isto lança o poeta no seu cadinho, para escoimá-lo das fezes que porventura lhe ficaram do chão onde esteve, e apurar o ouro fino.

E de quanta valia não é o modesto serviço de desbastar o idioma novo das impurezas que lhe ficaram da refusão do idioma velho com outras línguas? Ele prepara a matéria, bronze ou mármore, para os grandes escultores da palavra que erigem os monumentos literários da pátria.

ALENCAR, José de. "Benção paterna". *Sonhos d'ouro*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. p. 16. v. 1.

No indianismo praticado por Alencar, portanto, haveria de se recusar a linguagem erudita, portuguesa, crivada de arcaísmos. O que se pretendia era desenvolver uma temática brasileira em uma linguagem moderna, livre dos ditames portugueses – de sua estrutura ou gramática. Pretendia-se, também, incluir temas tupis, neologismos, desvios de grafia e introduzir a linguagem ancestral que ligava o nativo à terra. O efeito obtido com tal proximidade é a sensação de uma história contada de dentro para fora, por um narrador que se irmana com seus personagens.

É preciso que a língua civilizada se molde quanto possa à singeleza primitiva da língua bárbara; e não represente as imagens e pensamentos indígenas senão por termos e frases que ao leitor pareçam naturais na boca do selvagem.

O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até as menores particularidades de sua vida.

ALENCAR, José de. "Carta ao Dr. Jaguaribe". In: *Iracema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

Muito mais que o uso de termos indígenas ou de uma linguagem calcada no coloquialismo brasileiro, temos as belíssimas metáforas que singularizam a prosa poética de Alencar, observe:

A juruti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas, e voa aconchegar-se ao tépido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro. [...]

– Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu deles sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema.

[...] Se a lembrança de Iracema estivesse n'alma do estrangeiro, ela não o deixaria partir. O vento não leva a areia da várzea, quando a areia bebe a água da chuva.

Ademais, Alencar, ciente de que sua obra apresentava vocabulário com termos indígenas, preocupou-se em estudá-los e explicá-los, através das notas de rodapé, para que seu leitor contemporâneo também compreendesse sua obra em uma totalidade.

Narrador

A história de amor e desamor de Iracema é narrada por alguém que ouviu o relato nas "lindas várzeas" onde nascera e, agora, pretende recontá-lo em 3ª pessoa. Temos, portanto, a sugestão da narrativa oral, transformada por um narrador onisciente que nos revelará as ações e motivações dos personagens. A narração se dá do ponto de vista indígena; muito mais de seu vocabulário e de seus costumes do que do colonizador. Embora predomine o narrador na 3ª pessoa, em alguns momentos ele se revela na 1ª pessoa, veja:

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

Observe agora a presença do narrador onisciente:

Os olhos de Iracema estendidos pela floresta viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquele sangue que enrubescia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha.

O pranto orvalhou seu lindo semblante.

Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema.

Espaço

Sob a estética romântica, a natureza cearense é descrita de forma exótica, paradisíaca, exuberante; sendo os espaços bem definidos na obra.

Os tabajaras pertencem às montanhas. “*Além, muito além daquela serra*”, “*a virgem corria o sertão e as matas do Ipu*”. À praia, os pitiguaras. “*Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta*”. No momento em que os protagonistas se encontram, instaura-se o desequilíbrio: Martim é recebido no espaço dos tabajaras.

Depois disso, o espaço é o próprio distanciamento entre os personagens. Iracema distancia-se de seus rituais, seu povo, seus costumes, suas terras e, para nossa ingente surpresa, do próprio Martim.

O percurso de Iracema é de cima para baixo. No alto da serra, Iracema entrega-se a Martim, e a ele sua virgindade. Na praia, assiste primeiro à derrota e humilhação de seu povo – e, depois, à sua própria, à medida que vê nos olhos do amado as saudades dos mares e de sua terra natal.





Tempo

“Tudo passa sobre a terra” é a frase do narrador que encerra o romance, e essa passagem será demarcada cronologicamente no decorrer da história. O Capítulo I é o final, do II ao XXXII desenvolve-se a trama e o XXXIII retoma o I, fechando o ciclo. Temos, portanto, o uso do *flashback*, em que o autor interrompe a narrativa iniciada para apresentar ao leitor o que antes se sucedera.

Outro aspecto interessante de se notar é que as marcas de tempo são evidentes, capítulo a capítulo, e – sobretudo – figurativas. O narrador não nos revela, diretamente, o transcorrer do tempo, mas, de forma poética, vale-se da natureza para isso. Vejamos alguns exemplos:

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta.

Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande taba.

A cauã piou, além, na extrema do vale. Caía a noite.

Três sóis havia que Martim e Iracema estavam nas terras dos pitiguaras.

Quatro luas tinham alumiado o céu depois que Iracema deixara os campos do Ipu.

O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu do Ceará.



Personagens

Com a presença de alguns personagens reais da história brasileira, vejamos as principais características dos personagens desta obra.



Iracema: a conhecida virgem dos lábios de mel é a protagonista da história, sendo a filha de Araquém – o pajé tabajara – e guardiã do segredo de jurema. Admirada por sua beleza, é a única índia que sabe manipular a erva amarga e preparar as bebidas alucinógenas que dão, entre outras, força e coragem aos guerreiros. Podemos classificar Iracema como a heroína do Romantismo, pois se entregou ao amado, esperou por ele e morreu em consequência da saudade e tristeza que a solidão lhe causara.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.



Martim: é o guerreiro branco que representa a cultura colonizadora, porém amigo dos pitiguaras. Na obra, representa o real fundador do Ceará, Martim Soares Moreno, nascido em Santiago do Cacem, em 1835.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

[...]

– Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.



Poti: é um guerreiro pitiguara e amigo de Martim. Lutava lado a lado com o amigo branco e o protegeu da fúria tabajara. É também um personagem histórico, sobre o qual há documentos e escritos oficiais.

Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba nas margens do Jaguaribe, perto do mar, onde habitam os pitiguaras, inimigos de tua nação. Meu nome é Martim, que na tua língua quer dizer filho de guerreiro; meu sangue, o do grande povo que primeiro viu as terras de tua pátria. Já meus destroçados companheiros voltaram por mar às margens do Paraíba, de onde vieram; e o chefe, desamparado dos seus, atravessa agora os vastos sertões do Apodi. Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os pitiguaras de Acaracu, na cabana do bravo Poti, irmão de Jacaína, que plantou comigo a árvore da amizade. Há três sóis partimos para a caça; e perdido dos meus, vim aos campos dos tabajaras.



Moacir: com nome significando “filho do sofrimento”, é o primeiro cearense, uma vez que é o filho que Iracema entrega a Martim antes de morrer. Além disso, o personagem representa a miscigenação entre o índio e o português.

Iracema sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro. Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lacerou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou sua alma de júbilo.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o à teta mimosa; seus olhos a envolviam de tristeza e amor.

– Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento.

A ará, pousada no olho do coqueiro, repetiu Moacir; e desde então a ave amiga unia em seu canto ao nome da mãe, o nome do filho.



Araquém: o pai de Iracema e pajé da tribo tabajara.

E mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juazeiros, a cabana do Pajé.

O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O tênue sopro da brisa carneava, como flocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.



Caubi: índio tabajara e irmão de Iracema.

O irmão de Iracema tem o ouvido sutil que pressente a boicininga entre os rumores da mata; e olhar do oitibó que vê melhor nas trevas. Ele te guiará às margens do rio das garças.

[...] Vieram Caubi e Iracema:

– Caubi voltou: disse o guerreiro tabajara. Traz a Araquém o melhor de sua caça.

– O guerreiro Caubi é um grande caçador de montes e florestas. Os olhos de seu pai gostam de vê-lo.



Irapuã: inimigo dos portugueses e cacique tabajara. É apaixonado por Iracema e é quem dá voz à guerra para vingar a virgindade da moça.

As vozes da taba contaram ao ouvido do chefe que um estrangeiro era vindo à cabana de Araquém.

A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nela o olhar abrasado:

– O coração aqui no peito de Irapuã, ficou tigre. Pulou de raiva. Veio farejando a presa.

O estrangeiro está no bosque, e Iracema o acompanhava. Quero beber-lhe o sangue todo: quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajara, talvez o ame a filha de Araquém.

A pupila negra da virgem cintilou na treva, e de seu lábio borbulhou, como gota do leite cáustico de eufórbia, um sorriso de desprezo:

– Nunca Iracema daria seu seio, que o espírito de Tupã habita só, ao guerreiro mais vil dos guerreiros tabajaras! Torpe é o morcego porque foge da luz e bebe o sangue da vítima adormecida!...

– Filha de Araquém, não assanha o jaguar. O nome de Irapuã voa mais longe que o goaná do lago, quando sente a chuva além das serras. Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracema se abra para o vencedor.

[...]

– A sombra de Iracema não esconderá sempre o estrangeiro à vingança de Irapuã. Vil é o guerreiro que se deixa proteger por uma mulher.

Enredo

Um encontro com o “Velho Mundo”

Certo dia, Iracema, a virgem dos lábios de mel, guardiã do segredo de jurema e responsável por manipular as ervas alucinógenas que trazem sonho e fantasia a seu povo, banhava-se na floresta em companhia de um ará (espécie de pequena arara), quando se deparou com um guerreiro branco – Martim – que se perdera de seus amigos pitiguaras com quem caçava.

Iracema fere com flecha o rosto do guerreiro; ele, entretanto, não revida. Age com cortesia e lembra-se da religião aprendida com a mãe, em que mulher é “símbolo de ternura e amor”.



Hospitalidade indígena

Chateada por feri-lo desnecessariamente, Iracema leva o guerreiro à cabana de seu pai e ali o recebe sob a égide do código de hospitalidade indígena: oferece-lhe comida, roupa e mulheres bonitas para servi-lo. O guerreiro, porém, deseja a própria Iracema, que explica que não pode servi-lo pela castidade imperiosa que a cerca.

À noite, quando a taba está em festa pelo chefe recém-chegado, Martim tenta fugir, mas é surpreendido por Iracema, que o acusa de rejeitar sua hospitalidade; ela pede que ele espere até o dia seguinte para que Caubi, seu irmão, acompanhe o guerreiro branco em segurança até a tribo dos pitiguaras, antigos inimigos.



Sob o néctar de Tupã

Mas, durante a madrugada, a índia conduz Martim para a floresta sagrada e lá lhe dá de beber do néctar proibido. Martim sonha com sua terra e com Iracema. A jovem quase se entrega ao guerreiro branco, mas foge quando presente que alguém se aproxima. É Irapuã, chefe da tribo. Ele percebe a presença de Martim na mata sagrada e jura vingança.

Iracema planeja a fuga de Martim, ajudado por Caubi, seu irmão, mas estes são surpreendidos pelo chefe e mais de cem guerreiros tabajaras. Iracema e Martim se escondem na cabana de Araquém. Sendo assim, de acordo com os códigos da hospitalidade, Martim não poderia ser atingido enquanto estivesse hospedado por Araquém. Com o intuito de também ajudar Martim a se livrar, aparece Poti, índio pitiguara e amigo do europeu.

Martim e Iracema ficam sozinhos no esconderijo; ambos se desejam, mas Martim tenta controlar-se para prestar o devido respeito a seu anfitrião. Para tal, pede a Iracema que lhe dê novamente do néctar de jurema para que, assim, possa – ao menos – sonhar com ela. Neste momento, realidade e fantasia se misturam e a moça entrega sua virgindade a Martim.

Sem volta



Iracema e Martim conseguem fugir e, assim que pisam em terras pitiguaras, o guerreiro pede à índia que retorne para sua terra. Iracema revela-lhe, então, a verdade oculta pela embriaguez: já não pode voltar; a noite passada não fora apenas um sonho.

Chegam à tribo pitiguara e ali se hospedam na cabana de um irmão de Poti, mas Iracema não se sente bem morando entre inimigos. Constroem, então, uma cabana na praia, e, em pouco tempo, Iracema anuncia sua gravidez. Martim fica tão feliz que passa por um ritual indígena especial; tem o corpo pintado e recebe um nome nativo: Coatiabo.

Saudades sem fim



Com o tempo, porém, a vida doméstica se torna enfadonha; o guerreiro tem saudades de sua terra e de suas aventuras; parte para a guerra com Poti e deixa Iracema sozinha. Da segunda vez em que faz isso, Iracema dá à luz o filho Moacir, a quem chama “filho da dor, do sofrimento”.

Com o filho nos braços, Iracema quer alimentá-lo, mas não tem leite. Com sentimento materno, dá o seio a uns cachorrinhos do mato que, ao sugarem, fazem jorrar sangue e leite. Disso se alimenta Moacir: do peito e da alma de sua mãe.

Filho da dor

Com a volta de Martim, Iracema entrega-lhe o filho nos braços e explica que está para morrer. Martim tenta cuidar dela, mas seus esforços são em vão.

Com um sentimento de luto e saudades, pai e filho partem para a Europa, de onde voltariam apenas quatro anos depois.

Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as plagas onde fora tão feliz, e as verdes folhas a cuja sombra dormia a formosa tabajara.

Muitas vezes ia sentar-se naquelas doces areias, para cismar e acalantar no peito a agra saudade.

A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.

QUESTÕES

1. Leia o fragmento de *Iracema* reproduzido a seguir:

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro e lhe entram n'alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

Já o estrangeiro a preme ao seio; e o lábio ávido busca o lábio que o espera, para celebrar nesse ádito d'alma, o himeneu do amor.

No recanto escuro o velho Pajé, imerso em funda contemplação e alheio às coisas deste mundo, soltou um gemido doloroso. Pressentira o coração o que não viram os olhos? Ou foi algum funesto presságio para a raça de seus filhos, que assim ecoou n'alma de Araquém?

Ninguém o soube.

O cristão repetiu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver; e enche sua alma com o nome e a veneração de seu Deus:

– Cristo! . . . Cristo! . . .

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, ele sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chama. Assim quando a criança imprudente revolve o brasido de intenso fogo, saltam as faúlhas inflamadas que lhe queimam as faces.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

a) Por que se pode dizer que há entre Iracema e Martim uma atmosfera tipicamente romântica?

b) Por que o encontro entre Iracema e Martim não se pode concretizar

I – do ponto de vista de Martim?

II – do ponto de vista de Iracema?

c) Segundo o texto, Martim oscila entre dois pensamentos: lá e cá. Que lugares são esses e que mulheres neles figuram?

d) O presságio de Araquém se confirma ao longo da obra? Explique.

e) Comprove, com exemplos do texto, o projeto romântico de divulgação da natureza tropical como elemento típico de brasilidade.

➤ Considere o trecho para as questões 2 e 3:

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada, mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

[...]

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

– Quebras comigo a flecha da paz?

– Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viam outro guerreiro como tu?

– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

Iracema, de José de Alencar.

Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.

– *Que é que foi Andadura?*

Andadura sungou a canoa da areia.

– *Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é doto. Quando da fé é mesmo, porque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de muito remédio.*

– *E que é que ele quer comigo?*

– *Sei não. [...] Tu vai?*

O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.

– *Como é que é o homem?*

Grandão, meio laranja no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa por causa do calo. Se tira a camisa, num guenta “moroná” porque tem pele branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de sucusiri. Quando chego, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficando inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco anos...

Feito o retrato o índio descansou...

Rosinha, minha canoa, de José Mauro de Vasconcelos.

2. UFSCar Em *Iracema*, Alencar traz como personagem central uma índia.

- Como se define a personagem Iracema, mulher e índia, em relação ao movimento literário a que pertenceu Alencar?
- Os vocativos presentes nas falas de Iracema e do moço desconhecido permitem analisar como cada um deles concebia o outro. Transcreva esses vocativos do texto e explique a imagem que Iracema tinha do desconhecido e a imagem que ele tinha de Iracema.

3. UFSCar Os trechos de Alencar e Vasconcelos pertencem a diferentes momentos da literatura brasileira e dão indícios muito claros das características de cada momento.

- Relacione cada trecho à tendência literária a que pertence uma característica de cada que permita estabelecer tal relação.

- A questão da civilidade é apresentada de forma diferente em cada texto, pelo fato de representarem diferentes momentos histórico-sociais. Comente como essa noção define os personagens indígenas nos textos.

4. UFRGS Considere as seguintes afirmações:

- Pode-se afirmar que o Romantismo brasileiro foi a manifestação artística que mais bem expressou o sentimento nacionalista desenvolvido com a independência do país.
- Os romancistas românticos, preocupados com a formação de uma literatura que expressasse a cor local, criaram romances considerados regionais, mais pela temática do que pela linguagem.
- A tendência indianista do Romantismo brasileiro tinha por objetivo a desmistificação do papel do índio na história do Brasil desde a colonização.

Quais estão corretas?

- Apenas I.
- Apenas II.
- Apenas I e II.
- Apenas I e III.
- I, II e III.

5. UFMG Todas as passagens de *Iracema*, de José de Alencar, estão corretamente explicadas, exceto:

- A filha de Araquém escondeu no coração a sua ventura. Ficou tímida e quieta como a ave que pressente a borrasca no horizonte.* = Iracema entrega-se a Martim.
- Iracema preparou as tintas. O chefe, embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que ornavam a grande nação pitiguara.* = O chefe pinta Martim, preparando-o para o combate com os tabajaras.
- Iracema, sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro.* = Iracema prepara-se para dar à luz a Moacir.

- D** O guerreiro branco é hóspede de Araquém. A paz o trouxe aos campos de Ipu, a paz o guarda. Quem ofende o estrangeiro ofende o Pajé. = Iracema protege Martim da fúria de Irapuã.
- E** Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra, sua vista perturba-se. = Martim aparece pela primeira vez a Iracema, que saía do banho.

6. UEL Examine as proposições a seguir e assinale a alternativa **incorreta**.

- A** A relevância da obra de José de Alencar no contexto romântico decorre, em grande parte, da idealização dos elementos considerados como genuinamente brasileiros, notadamente a natureza e o índio. Essa atitude impulsionou o nacionalismo nascente, por ser uma forma de reação política, social e literária contra Portugal.
- B** Ao lado de *O guarani* e *Ubirajara*, *Iracema* representa um mito de fundação do Brasil. Nessas obras, a descrição da natureza brasileira possui inúmeras funções, com destaque para a “cor local”, isto é, o elemento particular que o escritor imprimia à literatura, acreditando contribuir para a sua nacionalização.
- C** Embora tendo sido escrito no período romântico, *Iracema* apresenta traços da ficção naturalista tanto na criação das personagens quanto na tematização dos problemas do país.
- D** A leitura de *Iracema* revela a importância do índio na literatura romântica. Entretanto, sabe-se que a presença do índio não se restringiu a esse contexto literário, tendo desembocado inclusive no Modernismo, por intermédio de escritores como Mário de Andrade e Oswald de Andrade.
- E** O contraponto poético da prosa indianista de Alencar é constituído pela lírica de Gonçalves Dias. Indiscutivelmente, em “O canto do guerreiro” e em “O canto do piaga”, dentre outros poemas, o índio é apresentado de maneira idealizada, em uma perpetuação da imagem heroica e sublime adequada aos ideais românticos.

7. UFU Sobre *Iracema*, de José de Alencar, podemos dizer que:

1. as cenas de amor carnal entre Iracema e Martim são de tal forma construídas que o leitor as percebe com vivacidade, porque tudo é narrado de forma explícita.
2. em *Iracema* temos o nascimento lendário do Ceará, a história de amor entre Iracema e Martim e as manifestações de ódio das tribos tabajara e potiguara.
3. Moacir é o filho nascido da união de Iracema e Martim. De maneira simbólica ele representa o homem brasileiro, fruto do índio e do branco.
4. a linguagem do romance *Iracema* é altamente poética, embora o texto esteja em prosa. Alencar consegue belos efeitos linguísticos ao abusar de imagens sobre imagens, comparações sobre comparações.

Assinale:

- A** se apenas 2 e 4 estiverem corretas.
B se apenas 2 e 3 estiverem corretas.
C se 2, 3 e 4 estiverem corretas.
D se 1, 3 e 4 estiverem corretas.

8. PUC-SP A próxima questão refere-se ao texto a seguir.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar. Dele, como um todo, é possível afirmar que:

- A** Iracema é uma lenda criada por Alencar para explicar poeticamente as origens das raças indígenas da América.

- B** as personagens Iracema, Martim e Moacir participam da luta fratricida entre os tabajaras e os pitiguaras.
- C** o romance, elaborado com recursos de linguagem figurada, é considerado o exemplar mais perfeito da prosa poética na ficção romântica brasileira.
- D** o nome da personagem-título é anagrama de América e essa relação caracteriza a obra como um romance histórico.
- E** a palavra Iracema é o resultado da aglutinação de duas outras da língua guarani e significa “lábios de fel”.

9. Unicamp O trecho a seguir foi extraído de *Iracema*. Ele reproduz a reação e as últimas palavras de Batuiretê antes de morrer:

O velho soabriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

– Tupã quis que estes olhos vissem antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja.

O abaeté derrubou a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu.

ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965. pp. 171-2.

- a) Quem é Batuiretê?
- b) Identifique os personagens a quem ele se dirige e indique os papéis que desempenham no romance.
- c) Explique o sentido da metáfora empregada por Batuiretê em sua fala.

10. Fuvest Em um poema escrito em louvor de *Iracema*, Manuel Bandeira afirma que, ao compor esse livro, Alencar:

“[...] escreveu o que é mais poema que romance, e poema menos que um mito, melhor que Vênus.”

Segundo Bandeira, em *Iracema*:

- A** Alencar parte da ficção literária em direção à narrativa mítica, dispensando referências a coordenadas e personagens históricas.

- B** o caráter poemático dado ao texto predomina sobre a narrativa em prosa, sendo, por sua vez, superado pela constituição de um mito literário.
- C** a mitologia tupi está para a mitologia clássica, predominante no texto, assim como a prosa está para a poesia.
- D** ao fundir romance e poema, Alencar, involuntariamente, produziu uma lenda do Ceará, superior à mitologia clássica.
- E** estabelece-se uma hierarquia de gêneros literários, na qual o termo superior, ou dominante, é a prosa romanesca, e o termo inferior, o mito.

11. UFSC *O cristão repeliu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver, e enche sua alma com o nome e a veneração de seu Deus:*

– Cristo!... Cristo!...

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, ele sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chama. Assim quando a criança imprudente revolve o brasido de intenso fogo, saltam as faúlhas inflamadas que lhe queimam as faces.

[...]

Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.

A juruti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas, e voa a conchegar-se ao tépido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor.

[...]

As águas do rio banharam o corpo casto da recente esposa.

Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras.

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Núcleo, 1993. pp. 39-41.

A partir da leitura do texto e do romance *Iracema*, e considerando o contexto do Romantismo brasileiro, assinale e some a(s) proposição(ões) correta(s).

- 01 Ao seduzir e possuir Iracema, Martim está consciente dos seus atos, e isso constitui traição tanto aos seus valores cristãos quanto à hospitalidade de Araquém. Quebra-se aqui, portanto, uma importante característica do Romantismo, a idealização do herói, que jamais comete ações vis.
- 02 Em *Iracema*, os elementos humanos e naturais não se mesclam. Nas descrições que faz de Iracema, por exemplo, Alencar evita compará-la a seres da natureza, pois isso seria contrário ao princípio romântico de valorização de uma natureza pura, não contaminada pela presença humana.
- 04 A adjetivação abundante (“ardente chama”; “intenso fogo”; “tépido ninho”; “vivos rubores”) é uma importante característica da prosa romântica, que será mais tarde evitada por escritores realistas.
- 08 Ao entregar-se a Martim, Iracema deixa de ser virgem e, portanto, não poderia mais ser a guardiã do segredo da jurema; ainda assim continua a sê-lo, só deixando de preparar e servir a bebida quando Caubi descobre sua gravidez e a expulsa da tribo.
- 16 Entre as várias manifestações do nacionalismo romântico presentes em *Iracema*, está o desejo de mostrar o povo brasileiro como híbrido, constituído pela fusão das raças negra, indígena e branca.
- 32 Além de indianista, *Iracema* é também um romance histórico; serve assim duplamente ao projeto nacionalista da literatura romântica brasileira.

12. PUC Considere os dois fragmentos extraídos de *Iracema*, de José de Alencar.

- I. Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela? Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano? Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora. Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.
- II. O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora. O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?

Ambos apresentam índices do que poderia ter acontecido no enredo do romance, já que constituem o começo e o fim da narrativa de Alencar. Desse modo, é possível presumir que o enredo apresenta:

- A o relacionamento amoroso de Iracema e Martim, a índia e o branco, de cuja união nasceu Moacir, e que alegoriza o processo de conquista e colonização do Brasil.
- B as guerras entre as tribos tabajara e pitiguara pela conquista e preservação do território brasileiro contra o invasor estrangeiro.
- C o rapto de Iracema pelo branco português Martim como forma de enfraquecer os adversários e levar a um pacto entre o branco colonizador e o selvagem dono da terra.
- D a vingança de Martim, desbaratando o povo de Iracema, por ter sido flechado pela índia dos lábios de mel em plena floresta e ter-se tornado prisioneiro de sua tribo.
- E a morte de Iracema, após o nascimento de Moacir, e seu sepultamento junto a uma carnaúba, na fronde da qual canta ainda a jandaia.

13. UEL

No romance *Iracema*, José de Alencar

- (A) desenvolve, na linha mesma do enredo, valores éticos e estéticos próprios da sociedade burguesa europeia.
- (B) busca fundir em um mesmo código as imagens de um lirismo romântico e alguns modos de nomeação e construção da língua tupi.
- (C) defende a superioridade da cultura indígena sobre a europeia, tal como o demonstra o desfecho desse romance idealizante.
- (D) faz confluírem o plano lendário e o plano histórico, o primeiro representado por Martim, e o segundo, por Iracema.
- (E) dispõe-se a desenvolver a história de uma virgem que, resistindo ao colonizador, representa o poder da natureza indomável.

14. UEL

Nesse romance, o autor atingiu três propósitos de seu projeto de ficcionista:

- I. exaltar as virtudes do “homem natural”;
- II. fundir fato histórico e lenda, em uma mesma narrativa poética;
- III. idealizar o amor que leva à renúncia, ao sacrifício e à morte.

O autor e o romance de que tratam os propósitos acima são:

- (A) Visconde de Taunay e *Inocência*.
- (B) Machado de Assis e *Helena*.
- (C) José de Alencar e *Lucíola*.
- (D) Machado de Assis e *Iaiá Garcia*.
- (E) José de Alencar e *Iracema*.

15. Puccamp

Sobre José de Alencar, é correto afirmar-se que:

- (A) fixou um dos mais caros modelos da sensibilidade brasileira, o do índio ideal, principalmente pelo fato de ter focalizado o indígena sempre em seu *habitat*, longe do contato com outras raças, como em *O guarani* e *Iracema*.

- (B) foi sensível ao drama vivido pelo homem em uma sociedade burguesa – a necessidade de obter dinheiro e a de preservar a integridade da vida do espírito – e deu a esse conflito o tratamento que determinou sua ruptura definitiva com o idealismo do escritor romântico, como se vê em *Lucíola* e em *Senhora*.
- (C) fez-se presente nos três tipos em que se manifestou a ficção da época – determinados pelo espaço em que se desenvolve a narrativa: cidade, campo, selva –, de que são exemplos *Lucíola*, *O sertanejo* e *Iracema*.
- (D) dotou os protagonistas, nos romances heroicos (*O sertanejo*, *O guarani*) de características ideais, mas, subordinando-os aos acontecimentos da vida corrente, obrigou-os a cometerem atos degradantes.
- (E) foge, em um aspecto, do que era uma tendência da ficção romântica, o interesse pelo passado, quer do indivíduo, quer da nação, pois voltou-se apenas para a observação da realidade contemporânea, como em *Lucíola* e *Senhora*.

16. UEL

Sobre os romances *Iracema*, de José de Alencar, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é correto afirmar:

- (A) *Dom Casmurro* é um romance de caráter nacionalista, pois aborda, como *Iracema*, a miscigenação étnica (índios e brancos), geradora do autêntico brasileiro.
- (B) *Iracema* apresenta alguns parágrafos com ritmo extremamente cadenciado, como por exemplo o de abertura, “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes de carnaúba”, o que levou Machado de Assis a se referir à obra como “poema em prosa”.
- (C) *Dom Casmurro* tem como personagem Capitu, que apresenta comportamento muito semelhante ao de Iracema, daí podermos afirmar que o romantismo alencariano tem grande influência sobre as obras machadianas.

- D** Os dois romances escritos no século XIX possuem como característica principal a exaltação da natureza e a idealização da mulher.
- E** “Virgem dos lábios de mel” e “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” são, respectivamente, designações de Capitu e Iracema, o que demonstra um traço típico do Realismo na descrição do caráter de ambas as personagens.

17. Sobre a obra de Alencar, leia o que afirmou Eduardo Diatahy Menezes, em artigo para a Academia Cearense de Letras:

Parece legítimo afirmar que, após nossa independência política, os dois pontos de inflexão mais relevantes dessa busca e afirmação da singularidade de nosso país como Povo e Nação foram o romantismo e o movimento modernista, tomado este, porém, em seu sentido mais amplo, incluindo autores que antecedem a Semana de 1922 e seus desdobramentos posteriores. Se o romantismo foi pensado inicialmente em Paris (1836) por Domingos de Magalhães e amigos, com muitos ‘suspiros poéticos e saudades’, foi, porém, com Alencar que ele se adensou na sua forma de desenho cultural da brasilidade, visto ter sido este quem alargou, com seu obstinado projeto literário, o leque da consciência possível de sua época.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. “Alencar e seu projeto literário de construção nacional”. *Tensões mundiais*, Fortaleza, v. 9, n. 16, p. 188, 2013.

Baseando-se na citação do autor e nos conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação, redija um texto expositivo-argumentativo em que você desenvolva o tema: **“Contribuições da Literatura para formação de uma identidade nacional brasileira”**. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, exemplos, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

18. Uerj



José Maria de Medeiros, *Iracema*, 1881.
Disponível em: <www.itaucultural.org.br>.

O romance *Iracema*, de José de Alencar, publicado em 1865, influenciou artistas, como José Maria de Medeiros, que nele encontraram inspiração para representar imagens do Brasil e do povo brasileiro no período imperial (1822-1889).

Na construção da identidade nacional durante o Império do Brasil, identifica-se a valorização dos seguintes aspectos:

- A** Clima ameno/índole guerreira dos ameríndios
- B** Grandeza territorial/integração racial das etnias
- C** Extensão litorânea/sincretismo religioso do povo
- D** Natureza tropical/herança cultural dos grupos nativos

19. FGV *Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar; e sente que sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nela.*

Há muito que a palavra desertou seu lábio seco; o amigo respeita este silêncio, que ele bem entende. E o silêncio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios. Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão a chamá-los e o grito da ará, que se lamentava. Estavam mui próximos à cabana, apenas oculta por uma língua de mato. O cristão parou calcando a mão no peito para soffrear o coração, que saltava como o poraquê.

– O latido de Japi é de alegria, disse o chefe.

– Porque chegou; mas a voz da jandaia é de tristeza.

Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitária, ou terá a saudade matado em suas entranhas o fruto do amor?

O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto, e a alma lhe estalou nos lábios:

– Iracema!...

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: FTD, 1991. p. 86.

A respeito do romance *Iracema*, pode-se dizer que:

- A) É classificado como um dos romances regionalistas do autor.
- B) É lídimo representante do Arcadismo, ainda que regionalmente deslocado.
- C) Sua personagem Iracema é abandonada pelo amado, que jamais retorna.
- D) Não introduz o Romantismo no Brasil, mas é um de seus representantes de maior vulto.
- E) Iracema falece depois de seu amado.

20. ITA Acerca da protagonista do romance *Iracema*, de José de Alencar, pode-se dizer que

- I. É uma heroína romântica, tanto por sua proximidade com a natureza, quanto por agir em nome do amor, a ponto de romper com a sua própria tribo e se entregar a Martim.
- II. É uma personagem integrada à natureza, mas que se corrompe moralmente depois que se apaixona por um homem branco civilizado e se entrega a ele.
- III. Possui grande beleza física, descrita com elementos da natureza, o que faz da personagem uma representação do Brasil pré-colonizado.

Está(ão) correta(s)

- A) Apenas I.
- B) Apenas I e II.

- C) Apenas I e III.
- D) Apenas II e III.
- D) Todas.

21. Unicamp Leia, a seguir, a letra de uma canção de Chico Buarque inspirada no romance de José de Alencar, *Iracema* – uma lenda do Ceará:

Iracema voou

Iracema voou

Para a América

Leva roupa de lã

E anda lépida

Vê um filme de quando em vez

Não domina o idioma inglês

Lava chão numa casa de chá

Tem saído ao luar

Com um mímico

Ambiciona estudar

Canto lírico

Não dá mole pra polícia

Se puder, vai ficando por lá

Tem saudade do Ceará

Mas não muita

Uns dias, afoita

Me liga a cobrar:

– *É Iracema da América*

BUARQUE, Chico. "As cidades". Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais Ltda., 1998.

- a) Que papel desempenha Iracema no romance de José de Alencar? E na canção de Chico Buarque?
- b) Uma das interpretações para o nome da heroína do romance de José de Alencar é de que seja um anagrama de América. Isto é, o nome da heroína possui as mesmas letras de América dispostas em outra ordem. Partindo dessa interpretação, explique o que distingue a referência à América no romance daquela que é feita na canção.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP

Fone: 12 3924-1616

editora@sistemapoliedro.com.br